

BART, Daniel. *Évaluation et didactique* : un dialogue critique. Bruxelles: Peter Lang, 2023. 276 p.

## A avaliação sob escrutínio: uma abordagem crítica da avaliação e da didática\*

Cristian Henrique Imbruniz\*\*

Carla Jeanny Fusca\*\*\*

A avaliação tem sido, nas últimas duas décadas, um ponto de encontro entre pesquisadores, políticos e diferentes grupos que, interessados no processo educacional, compõem a sociedade. No início dos anos 2000, o Brasil, que não é membro da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), foi o primeiro país dito em desenvolvimento a participar do Programa Internacional de Avaliação dos Alunos (PISA). Para o Ministro da Educação à época, responsável pela iniciativa, Paulo Renato de Souza, a participação do Brasil no PISA teria tido dois significados positivos. De um lado, sinalizava a maturidade da pasta de educação no cumprimento dos critérios para a participação da prova. De outro, a consolidação da capacidade técnica de realizar um exame em larga escala, que colocou à prova os sistemas de informação e avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (Souza, 2005, p. 122). Os resultados do Brasil, divulgados no relatório do PISA de dezembro de 2001, foram contundentes: 30º colocado entre 30 países.

---

\* Este trabalho se vincula a ações de pesquisas financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processos nº 2020/03933-1 e 2022/13328-3) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, processo nº 88887.802711/2023-00).

\*\* Universidade de São Paulo (USP). Doutorando na Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador convidado na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6506-9285>.

\*\*\* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Doutoranda na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e pesquisadora convidada na Université de Lille. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3457-9260>.

---

Entusiasta das avaliações, já tendo as instituído, em sua gestão, em todos os níveis educacionais, o ministro não se envergonhou da colocação para lá de modesta. Apesar dos problemas causados pela evasão e pela repetência<sup>1</sup>, para Paulo Renato de Souza, o resultado obtido nessa primeira participação, na prática, posicionaria o Brasil entre os países ditos desenvolvidos. O entusiasmo do ministro rendeu chacotas e críticas<sup>2</sup> daqueles que, ao contrário dele, eram incapazes de compreender como a última colocação em um exame poderia ser um resultado não tão ruim ou, mesmo, positivo (Souza, 2005, p. 122).

Essa incompreensão, expressa de modo bem-humorado ou severo, atravessa o tempo e, a cada nova edição de uma avaliação educacional, interpela pesquisadores, professores e ativistas. Certamente, ela também não está desconectada da incompreensão que, em algum momento, todos compartilharam sobre a necessidade de realizar uma avaliação escolar. A interpelação não revela, pois, uma incompreensão de amplos setores da sociedade sobre as avaliações educacionais de grande ou pequena escala, dirigidas ao aferimento das qualidades de um sistema de ensino ou do desempenho de um aluno, mas impõe a urgência do tema, por vezes, pouco debatido em seus meandros e particularidades.

Pesquisas recentes têm modificado, porém, esse cenário. Em trabalho sobre o tratamento de textos literários, Bart e Daunay (2018) analisam o discurso do PISA, sobretudo funcionamentos recorrentes, como a remissão ao universal em

---

1 As provas do PISA são aplicadas para alunos de 15 anos, independentemente do ano escolar em que estejam. No Brasil, onde havia considerável distorção entre idade e série, essa exigência representava um problema, pois não havia garantia de que os estudantes tivessem tido acesso formal aos conteúdos cobrados na avaliação.

2 No início do século XXI, no Brasil, as discussões sobre avaliação educacional já faziam correr muita tinta. Esse fato atesta a necessidade e a importância de estudos dedicados ao tema. Para ilustrar esse momento inaugural, remetemos ao artigo *Copo meio cheio ou copo meio vazio*, de Souza (2001), publicado na *Folha de S. Paulo*.

detrimento do particular, à evidência em detrimento da crítica interna e externa e à ficcionalização da multiculturalidade em detrimento da sua efetiva consideração. Esses funcionamentos garantem que o exame seja socialmente percebido como instrumento transcultural e transnacional. Para os autores, nessa condição, ele teria efeitos sociais e políticos não negligenciáveis, capazes de orientar, sem o ônus do comprometimento local, importantes decisões sobre sistemas de ensino. Assis e Bart (2023) reúnem, em obra coletiva, pesquisadores que, debruçados sobre a compreensão de texto no PISA, investigam o discurso docente sobre essa avaliação no Brasil e na França. Sem pretender fornecer resultados representativos do desempenho desses dois países na prova e resguardados dos perigos das ilusões comparativas, o trabalho assume uma postura crítica sobre problemas didáticos, sociais e políticos relativos à leitura e à escrita.

Em seu livro *Évaluation et didactique : un dialogue critique*, Daniel Bart, professor da Universidade de Lille (França), apresenta um importante debate sobre as relações entre avaliação e didática, que subjaz a trabalhos dedicados a avaliações específicas, como o PISA. Ao mesmo tempo que recompõe a história recente de associações profissionais, eventos científicos e publicações desses campos, o pesquisador escrutina os pressupostos teóricos e metodológicos que, por vezes, como se se tratasse de uma filosofia espontânea, organizam-nos. A contribuição de Bart é, precisamente, a explicitação dos sistemas de valores subjacentes à institucionalização das disciplinas investigadas, o que garante um diálogo crítico entre elas. Apoiado em amplo trabalho documental, o pesquisador não se esquiva

de realizar um estudo das decisões que, no curso do tempo, mediaram a relação entre a avaliação e a didática, valendo-se, sempre, de material empírico proveniente do domínio especializado da avaliação, das didáticas do francês como língua materna e das matemáticas. Os questionamentos sobre o lugar conferido às disciplinas e aos conteúdos escolares ou sobre orientações prescritivistas ou descritivistas são, pois, pontos de referência para que o autor apresente um estado da arte dessas disciplinas na França e, ao mesmo tempo, reúna elementos para a proposição de um novo programa de pesquisa em avaliação.

O livro se divide em quatro partes, três delas correspondendo, sucessivamente, a eixos de questionamentos em torno dos quais o autor organiza o seu percurso crítico. São eles: (i) delimitação de domínios de pesquisa e definição de objetos; (ii) polêmicas entre as abordagens das pesquisas realizadas no interior desses domínios e (iii) controvérsias metodológicas relativas à pesquisa em avaliação. Cada uma das três partes iniciais se subdivide em três capítulos: um dedicado à avaliação e outros dois às didáticas. A quarta e última parte apresenta, ao longo de sete capítulos, fundamentos de uma proposta para uma pesquisa renovada em avaliação, resultado da investigação desenvolvida nos eixos anteriores. Essa proposta se apoia nas contribuições de trabalhos especializados em avaliação e didática<sup>3</sup> e, ao mesmo tempo, questiona suas orientações teórico-metodológicas dominantes. Em vez de recusar as tradições dos mencionados campos, o autor identifica, neles, debates centrais, capazes de oferecer subsídios para um programa de pesquisa não avaliativo da avaliação.

A primeira parte elege o par formado por disciplinas e

---

<sup>3</sup> A apresentação desses trabalhos escapa aos limites desta resenha. Vale sinalizar, porém, que eles são provenientes de eventos de associações e de revistas tradicionais. No caso das associações, destaca-se a *Association pour le Développement des Méthodologies d'Évaluation en Éducation* (ADMÉE). No das revistas, a *Pratiques* e a *Repères*.

conteúdos como ponto de entrada para a investigação dos objetos de pesquisa em avaliação e em didática. Por meio de levantamento de trabalhos dessas áreas, o autor sublinha que grande parte das propostas de pesquisa em avaliação descuidaram de temas ligados às disciplinas e aos conteúdos, ainda que hoje se adote postura distinta. No domínio da didática, historicamente organizado por esse par, Bart observa que tais objetos continuam figurando como fonte de controvérsias no estabelecimento de linhas de investigação. O autor delimita, portanto, um primeiro eixo de questionamento entre avaliação e didática: enquanto, nas pesquisas de avaliação, as disciplinas e conteúdos são frequentemente deixados em segundo plano, nas de didática, esse par é responsável pela organização do campo científico.

A segunda parte recupera, em tradicionais revistas científicas e atas de eventos de associações profissionais, um novo eixo de questionamento entre avaliação e didática. As pesquisas em avaliação se orientavam, inicialmente, pela prescrição, sem que, contudo, as discussões internas sobre a pertinência da descrição fossem interditas. Com efeito, os embates entre prescrição e descrição cumprem um papel organizador nesse campo. As didáticas apresentam um percurso cruzado. Se, na sua fase militante, a didática do francês requisitava transformações nas práticas de ensino de língua materna, no mesmo período, na das matemáticas, a partir de trabalhos de Yves Chevallard e de Guy Brousseau, adotava-se uma postura descritiva. Entretanto, no presente, as posições se inverteram. Os estudiosos da didática do francês, como Yves Reuter e Bertrand Daunay, reclamam abordagens descritivas, e seus pares, nas matemáticas, adotam o caminho oposto. O segundo eixo de questionamento consiste, pois, na regulação e na articulação entre prescrição e descrição.

A terceira parte se dedica à necessidade de distinção entre

---

avaliação como prática e como objeto de pesquisa. Esses dois propósitos, diferentes entre si, acabam sendo tratados, pelos pesquisadores e outros atores, como uma atividade indistinguível. Consagrada e recorrente, a indistinção produz efeitos na delimitação de objetivos e métodos de pesquisa e atua como um dos fundamentos do campo científico da avaliação. O efeito de indistinção entre prática e pesquisa atua, ainda, nas didáticas, que tendem a reproduzi-lo sob formas particulares. O terceiro eixo de questionamento remeteria, portanto, à assimilação entre prática e pesquisa na avaliação.

Cada um desses eixos converge, na quarta parte do livro, para uma proposta teórico-metodológica de pesquisa em avaliação. Daniel Bart ressalta que essa proposição, apresentada em sete passos, só faz sentido na medida em que possa ser realizada e, sobretudo, discutida coletivamente, em diálogo marcado pela interdisciplinaridade. O primeiro passo enfatiza a necessidade de realização de debates teóricos e metodológicos a partir de questões concretas, gestadas nos campos da avaliação e da didática. O segundo reclama a assunção da avaliação como objeto de estudo específico e como instrumento heurístico, sem, entretanto, abandonar objetos como disciplinas e conteúdos. Esse par não imporia, por sua vez, formas acabadas, mas construções que, uma vez analisadas, permitiriam distinguir os funcionamentos particulares da avaliação. O terceiro passo exige um compromisso da pesquisa com a descrição em detrimento da prescrição. O quarto reivindica a distinção rigorosa entre avaliação como prática e como objeto de pesquisa, o que evitaria o apagamento das especificidades de cada uma dessas atividades. O quinto passo demanda a investigação e o questionamento dos sistemas de valores que pesam sobre a avaliação. Em vez de instituir um critério de neutralidade, essa tarefa suscitaria a investigação de implícitos e de pressupostos que, à revelia de intenções, podem conduzir a certas decisões de pesquisa. O sexto passo destaca a necessidade de realizar uma crítica da crítica,

que interviria sobre os questionamentos feitos às práticas e aos modelos de avaliação. O sétimo e último passo conclama uma proposta de crítica dos dispositivos institucionais de avaliação que, a partir da noção de *disfuncionamento*, descreva aspectos normativos da pesquisa, sem, contudo, assumi-los como ponto de partida necessário.

Esses sete passos situam a avaliação no quadro do funcionamento dos sistemas didáticos, tendo em conta as especificidades e os constrangimentos impostos pelos conteúdos e pelas disciplinas. Sem pretender constituir uma abordagem uniforme ou unificada da avaliação, o autor procura traçar uma possível direção de investigação, cuja característica seria a abertura para críticas e revisões. Nela, o diálogo interdisciplinar é fundamental para descrever características comuns e específicas dos variados modos de conceituar a avaliação em diferentes áreas. Trata-se de compreender a avaliação como uma engrenagem no funcionamento disciplinar, a qual deve ser objeto de descrição em lugar de prescrição. O trabalho de descrição pressupõe, para Bart, uma clarificação no que diz respeito à avaliação como prática escolar recorrente e a avaliação como interesse de pesquisa. No plano teórico, é preciso, pois, trabalhar para se distanciar da lógica avaliativa do mundo escolar, a fim de questionar seu funcionamento e seu processo de naturalização.

As propostas feitas por Daniel Bart, apoiadas por um conjunto de decisões teóricas e metodológicas, se sustentam, portanto, em uma investigação documental e crítica que, sem pretender restituir ou fixar uma história dos campos da avaliação e das didáticas, não se furta de questionar os elementos que, cotidianamente, passam despercebidos por pesquisadores, professores e demais interessados. Esses elementos, que compõem o fundo epistemológico da avaliação, organizam seleções de objetos, modos de realização de pesquisas e, na prática, têm desdobramentos importantes, seja no financiamento de projetos, seja na elaboração de avaliações. Se o ponto de

---

culminância de *Évaluation et didactique* é sua proposta original de estudo da avaliação, a retomada de suas contribuições particulares, como procuramos fazer nesta resenha, não deixa esquecer a importância decisiva de um interesse histórico e epistemológico sobre o domínio das avaliações, das didáticas e, sobretudo, das suas possibilidades de aproximação e de distanciamento. Para Bart (2023, p. 244), trata-se de fazer a opção pela postura do imbecil, que, ao recusar a constatação do óbvio, mostra “os limites, as evidências ou os impensados da literatura especializada ou didática sobre a avaliação”.

## Referências

ASSIS, Juliana Alves; BART, Daniel. *O PISA: olhares cruzados Brasil-França sobre uma abordagem internacional da avaliação da leitura*. Belo Horizonte: PUC-MG, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3GnitRR>. Acesso em: 01 dez. 2023.

BART, Daniel. *Évaluation et didactique : un dialogue critique*. Peter Lang: Bruxelas, 2023.

BART, Daniel; DAUNAY, Bertrand. *Pode-se levar a sério o pisa? O tratamento do texto literário em uma avaliação internacional*. Campinas: Mercado das Letras, 2018.

SOUZA, Paulo Renato. *A revolução gerenciada: educação no Brasil (1995-2002)*. São Paulo: Pearson, 2005.

SOUZA, Paulo Renato. Copo meio cheio ou copo meio vazio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano 81, n. 26.550, p. A3, 11 dezembro 2001.

Recebido: 01/12/2023

Aceito: 28/05/2024